

Ler é mais importante do que estudar

ZIRALDO ALVES PINTO *

O Brasil poderá, nestes próximos quatro anos, transformar-se num país definitivamente alfabetizado. O ensino da escrita e da leitura é deficiente no mundo inteiro. Há bem pouco tempo — logo depois que o vice Dan Quayle escreveu uma palavra errada no quadro-negro de uma escola americana — descobriu-se que mais da metade da população do Estados Unidos é, no mínimo, analfabeta. Não sabe preencher um formulário, é incapaz de ler e entender um manual de instruções. Especialistas americanos — e franceses, *hélas!* — já estão desenvolvendo programas para reformar o ensino básico em seus países, exatamente no que diz respeito à aprendizagem da leitura e da escrita, preocupação dividida com o Banco Mundial.

Feitas as reformas necessárias no Brasil — coisa menos complicada aqui do que lá — os quatro anos do que se convencionou chamar *curso primário* podem resultar em multidões de meninos e meninas lendo e escrevendo com a desenvoltura necessária para enfrentar o mundo e ganhar a vida.

O ensino básico deve ser *formativo* e não *informativo*, declarou, outro dia, Mário Henrique Simonsen, do alto do seu saber. É claro: a criança de hoje tem que estar preparada para saber *onde* buscar a informação e *como* aprendê-la e apreendê-la.

Saber fazer as quatro operações com a facilidade de quem respira; entender direitinho a velha regra de três simples — para saber localizar-se no espaço — e ler e escrever

como se isto fosse seu sexto sentido preparam a criança para todo o saber. O resto é currículo!

Não adianta querer que uma criança assimile o anacrônico ensino ministrado ainda hoje no Brasil, se ela não domina os códigos de acesso aos conteúdos deste ensino.

Por esta razão, tenho repetido que “ler é mais importante do que estudar” em milhares de cartazes que a Editora Melhoramentos tem espalhado pelo Brasil e pela América do Sul.

A escola não foi feita para punir nem para exemplar ninguém. Ela foi feita para preparar o homem para o futuro. E para a felicidade. Criança não precisa da associação aprender a sofrer; não precisa, por exemplo, angustiar-se com coisas do tipo *tensões das provas finais*.

Esta é outra questão importante a ser contemplada nas reformas urgentes que se fazem necessárias. A promoção do aluno é problema da escola. A escola é que deve acompanhar o aproveitamento da criança como uma clínica moderna acompanha seu paciente. Há fichas para isto — para a *anamnese* escolar — e breve haverá computadores para todas as escolas. Pais e mães se assustam com esta discussão. Quanto ao ensino, o lar também terá que ser *reformado*.

Esta é uma longa discussão, mas, a propósito, a Prefeitura de Belo Horizonte já está iniciando, neste ano, um trabalho que deve ser

acompanhado com todo o interesse pelo Brasil inteiro.

Em termos imediatos, contudo, o nó górdio da questão amarra as pontas de outras cordas. Não há quadros de professores no Brasil preparados para qualquer reforma. (Das três mil coleções de livros da Ciranda do Livro enviadas para todas as bibliotecas escolares do país, há alguns anos, somente 3% tiveram aproveitamento adequado; e olha que foi tudo com o famoso manual de instruções.)

O professor brasileiro — ou a professora — é um herói mal pago e, em geral, abandonado. A culpa não é diretamente sua. Mesmo porque é através de interesse de grande parte do professorado deste país — de sua experiência e dedicação — que as reformas começam a ser exigidas e trabalhadas.

Algumas décadas vão-se passar até que todos os nossos professores e professoras estejam aptos a trabalhar com esta sonhada escola nova. Há, porém, uma solução importante ao nosso alcance: o monitoramento.

Foi em Minas também, há algumas décadas, que Helena Antipoff, grande educadora, discípula de Claparede, fez — com lágrimas e ranger de dentes — uma revolução no ensino primário, criando a figura da *orientadora*, uma jovem quase missionária que, preparada na sua Escola da Fazenda do Rosário, era mandada para o interior do estado,

para *atualizar* as velhas mestras da palmatória e da vara de marmelo.

Foi uma briga de foice. Mas eu comecei a estudar justamente no ano em que a palmatória foi transformada em apenas uma marca na parede. E a minha escola tinha uma horta no fundo do quintal, cuidada pelos alunos, e uma cantina onde se servia o produto desta horta; havia excursões à floresta, dramatizações teatrais, concursos de poesia. Deixava minha mãe perplexa com o que ela achava de risonha e de franca a escola do tempo do seu filho, tão diferente da aterradora escola que ela conheceria.

O mundo mudou mais ainda e agora precisamos de uma escola para o século 21. A solução é transformar educação em religião. E criar imediatamente os nossos missionários.

Queremos de volta as *orientadoras* de Helena Antipoff, as missionárias do ensino! Há milhares de jovens professores neste país — moças e rapazes — prontos para, em um tempo mínimo, viajar por este Brasil inteiro *monitorando* os professores para a escola reformada. Não adianta mandar manual de instruções, não adianta mandar roteiro escrito. A maioria dos professores e professoras brasileiros vai fazer como Dan Quayle. Monitoramento é a palavra. Missão! A Igreja não tinha fax, não tinha telefone nem televisão e fez metade do mundo acreditar em Cristo. Porque dispunha do melhor veículo de comunicação do mundo: o próprio homem. E sua fé. Vamos nessa.

Há milhares de jovens no país prontos a monitorar professores para a escola reformada

JORNAL DO BRASIL